

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

AURENI DE FRANÇA MELO

**AS FRENTES DE TRABALHO EM PIRANHAS/AL
NO PERÍODO DE 1979 A 1983**

DELMIRO GOUVEIA - AL
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

AURENI DE FRANÇA MELO

**AS FRENTES DE TRABALHO EM PIRANHAS/AL
NO PERÍODO DE 1979 A 1983**

Artigo apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em História
pela Universidade Federal de Alagoas
Orientadora: Profa. Ma. Sheyla Farias Silva

DELMIRO GOUVEIA - AL
2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

M528f Melo, Aurení de França

As frentes de trabalho em Piranhas / AL no período de 1979 a 1983 / Aurení de França Melo. – 2019.

34 f. : il.

Orientação: Profa. Ma. Sheyla Farias Silva.

Artigo monográfico (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2019.

1. História - Brasil. 2. História - Alagoas. 3. Piranhas – Alagoas.
4. Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE.
5. Trabalho rural. 6. Frente de trabalho. 7. Sertanejo. I. Título.

CDU: 981(813.5)

AURENI DE FRANÇA MELO

AS FRENTES DE TRABALHO EM PIRANHAS/AL

Artigo apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em História
pela Universidade Federal de Alagoas.

Sheyla Farias Silva

Prof. Ma. Sheyla Farias Silva - UFAL (Orientadora)

Banca Examinadora:

Gercinaldo de Moura

Prof. Me. Gercinaldo de Moura Medeiros - UFAL (Examinador Externo)

Pedro Abelardo de Santana

Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana - UFAL (Examinador Interno)

A Deus aos meus pais, ao meu filho e em especial a meus amigos, sem eles não teria vencido esta batalha.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pela graça alcançada, inspirada por ele consegui vencer os obstáculos impostos ao longo do caminho, transformando-os em força e coragem para seguir em frente.

Aos meus pais Antônio Aquino de Melo e Benedita de França Melo, ao meu filho Deyvisson Michelangelo M. Soares, que me apoiaram em especial ao meu pai que viu seu sonho concretizado. Aos meus amigos que me apoiaram e me incentivaram me servindo de inspiração na busca do conhecimento em especial a Raimundo Audálio, Marinalva Marques Ramalho, Josenilda Teixeira Lima e Maria Francisca da S. Monteiro, que ao longo do curso me deram força para me continuar em frente nos momentos de dificuldade.

Aos meus companheiros de equipe pelos momentos de alegria e desespero durante o período da graduação, Janailma Santos da Silva, Gislaine Medeiros Lima e João Pedro Feitoza Lima. Aos colegas de turma 2014.1 onde passamos a dividir um pedaço das nossas noites semanais em 05 de maio de 2014, em especial a Cléia Tenório sempre prestativa em meus momentos de dúvidas e dificuldades.

A orientadora Sheila Farias Silva a quem passei a admirar e me conduziu, passando seus ensinamentos para a realização do presente trabalho, aos entrevistados pela troca de conhecimento, cedendo suas e vivencias nas frentes de trabalho.

A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que constrói, tudo o que toca, pode e deve fornecer informações sobre ele.

Marc Bloch

AS FRENTES DE TRABALHO EM PIRANHAS/AL NO PERÍODO DE 1979 A 1983

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar as condições de trabalho vivenciadas pelos pequenos produtores rurais nas frentes de trabalho no município de Piranhas/Alagoas, no período de 1979 a 1983. Esses trabalhadores rurais, também chamados de “magnu” e “morrinpe”, ao buscar garantir sua sobrevivência em períodos de longa estiagem, submeteram-se à oferta de trabalho dada pela política pública de combate à seca subsidiada pela SUDENE – as frentes de trabalho, que consistia em empregos temporários para auxiliar a sobrevivência dos sertanejos nordestinos em estado de vulnerabilidade social e evitar a emigração do sertanejo para os grandes centros urbanos. Durante a realização desta pesquisa, ficou evidente o emprego dessa força de trabalho para a construção de açudes, estradas, sejam em suas terras ou mesmo nas terras de latifundiários. Havendo uma distribuição de trabalho entre os sexos, os trabalhos mais leves eram atribuídos às mulheres levando em consideração a força física das mesmas.

Palavras-chaves: Frente de trabalho. Seca. Sudene.

ABSTRACT

The following research is dedicated to describing and analysing the work conditions experienced by small farmers in Piranhas/Alagoas county, around 1979 to 1983 period. These farmers, also called “magnu” and “morrinpe”, when focusing on surviving during long dry periods, submitted to SUDENE's public policy for fighting the drought job offering – work fronts, build of temporary jobs dedicated in helping northeastern sertanejos in state of social vulnerability and avoiding their emigration to great urban centers. While this search's fruition, has become clear the use of this workforce on the building of weirs, streets, in their land or on the lands of landowners. Also having a labor distribution based on sexes, where light work was given to women, in consideration of their own physical strength.

Key-words: workfronts – drought - SUDENE

SUMÁRIO

1- Introdução.....	10
2- Políticas de combate a seca.....	14
3- As frentes de trabalho em Piranhas.....	23
4- Considerações finais.....	27
5- Referencias.....	28
Apêndices.....	31
Apêndice A - Transcrição da entrevista realizada com Renato Douglas em 10/07/2018. Em Piranhas/AL.....	31
Apêndice B - Transcrição da entrevista realizada com Celso Rodrigues em 10/07/2018. Em Piranhas/AL.....	32
Apêndice C - Transcrição da entrevista realizada com Amarildo Galdino da Silva em 10/07/2018. Em Piranhas/AL.....	33
Apêndice D - Transcrição da entrevista realizada com José de Oliveira em 31/03/2019. Em Piranhas/AL.....	33
Apêndice E - Transcrição da entrevista realizada com Manoel Bezerra de França realizada em 01/04/2019. Em Piranhas/AL.....	34

1 INTRODUÇÃO

Sertanejo guerreiro

Imensidão de terra, um punhado de coragem,
 Terra seca, muito sol,
 Terra árida regada pelo suor do trabalhador,
 Calor que seca a esperança,
 E faz brotar água nos olhos daqueles que vivem no Sertão,
 Não falta coragem,
 Porém sobra tristeza para aqueles que ali nasceram.
 Vivem buscando maneiras de encontrar razões para ali ficar
 Coração cheio de incertezas do futuro, mas que não deixa de sonhar
 Maneira guerreira de levar a vida
 Sertanejo, deixa no chão passos pesados, cansados
 Marcados pela rotina de sofrer
 Povo esquecido, sem direito, sem chão.
 Maneira guerreira de lutar pela vida
 Carrega calos nas mãos, buscando na terra seca um punhado de ilusão.
 Calor que seca a esperança
 Que endurece o coração de quem ama o sertão.
 Tatiane Elis

Nesses versos Tatiane Elis expressa situações vivenciadas pelos trabalhadores sertanejos que lutam pela sobrevivência no sertão. Seu pedaço de chão é palco de tristezas e esperanças, visto que no longo período de estiagem a angústia toma parte de seu coração, mas o breve prenúncio de chuva o faz feliz fazendo brotar a esperança. Nesse momento, o sertanejo planta e cuida do seu rebanho, porém quando a seca chega vai assolando o sertão. Começa uma luta pela sobrevivência, brota no coração sertanejo a incerteza do futuro quando ele sabe o quanto pode ser sofrido, mas continua buscando maneiras de sobreviver com a seca. O sertanejo acaba sendo explorado pela necessidade de sobreviver, muitos donos de terra acabam utilizando deste período para fazer os trabalhos de manutenção em suas propriedades, aproveitam-se para pagar um preço inferior. Era notável na comunidade proprietários que esperavam a seca para tirar proveito dos trabalhadores.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as experiências dos pequenos produtores rurais engajados nas frentes de trabalho no período de 1979 a 1983. Esses trabalhadores no período da seca, ao buscar garantir sua sobrevivência viram como possibilidade submeter-se à oferta de trabalho dada pela política pública de combate à seca, destinada na época. As frentes de trabalho era uma política pública implantada pela SUDENE (SUPERINTENDENCIA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE) já existente durante o período do DNOCS, eram

empregos temporários para auxiliar a sobrevivência dos sertanejos nordestinos em estado de vulnerabilidade social e evitar a emigração do sertanejo para os grandes centros urbanos.

A partir de fontes documentais e fontes orais, dos atos coletivos do homem em uma estrutura de baixa vulnerabilidade social, de acordo com Marc Bloch (2001, p. 54) os diversos atos do homem resultado de necessidades coletivas e que apenas uma certa estrutura social torna possíveis.

A motivação para elaborar este estudo é advinda da minha própria experiência devido estar inserida no meio rural fui motivada em problematizar a luta pela sobrevivência dos trabalhadores rurais sertanejos e a exploração do capitalismo rural ou seja, de um sistema econômico que visa apenas o lucro e a acumulação de riquezas trabalhadores. Durante o período da seca a exploração era bem nítida na comunidade, latifundiários aproveitavam-se para explorar aqueles mais vulneráveis economicamente. Algumas crianças que deveriam estar na escola iam raramente, pois as mesmas eram obrigadas a trabalharem para ajudarem seus pais, chegando até mesmo a parar de frequentar a escola.

No final dos anos 90, a seca de forma mais áspera assolou a região nos levando a perder o pequeno rebanho que tínhamos. Com a falta de alimento para os animais foi necessário apelar para os mandacarus, subíamos a serra, para fazer este trabalho, as ferramentas usadas eram o machado e facas para retirar os espinhos. O gado instintivamente já percebia o que íamos fazer, por isso acompanhava, isto era feito todos os dias, mas a situação se agravou. As vacas começaram cair de fome, sendo preciso fazer mutirões para levantá-las e colocá-las no girau, uma espécie de mesa que serve para deixar o animal em pé.

A situação foi ficando cada vez mais difícil, o gado começou a morrer de fome, passando a existir um cemitério animal dentro da pequena propriedade, trabalhei durante toda seca ajudando meus pais e vendo outros sertanejos sofrendo como nós, neste período estávamos abandonados aos olhos das políticas públicas a nível estadual, municipal e federal.

Os pequenos produtores sertanejos, nestes períodos de seca onde recebiam o mínimo de ajuda, pessoas inteligentes e capazes que são estereotipadas pelos meios midiáticos, da época, de atrasados e acomodados com a pobreza, a imagem estereótipo da época um solo rachado, sol escaldante, um esqueleto bovino e mandacarus, o sertanejo homem do campo que lida no serviço com a enxada e por muitas vezes é taxado como incapaz de aquisição e domínio dos saberes, ou seja, o flagelado da seca. Segundo Albuquerque Jr,

Um nordeste em que a natureza está em segundo plano, em que os quadros de simplificação e de pobreza de cenários serão cristalizados como a realidade regional. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p.280).

A análise busca compreender quantas horas semanais de trabalho, o valor recebido, a forma de pagamento, em que trabalhavam e as ferramentas de trabalho usadas no serviço. A realidade social vivida pelos os pequenos produtores rurais sertanejos residentes no município de Piranhas/AL, e o que é feito para sobreviver às secas, fenômeno natural que atinge a região Nordeste, onde as consequências deste fenômeno é abrangente no sertão, as frentes de trabalhos foram aplicadas pela Sudene em épocas de secas e fazia parte das políticas públicas para onde os pequenos produtores rurais que trabalharam nas frentes de trabalho, em Piranhas num período correspondente aos anos de 1979 a 1983 destacando o tempo, espaço e as condições de trabalhos submetidos a estes trabalhadores em períodos de seca. Esta que é vista e usada como principal motivo para a condição de pobreza no sertão, não sendo levados em consideração os meios em que foi feito a ocupação do espaço e sua exploração e o verdadeiro fator que levou a subordinação da população sertaneja aos meios políticos. Segundo Marinho,

A forma predominante de ocupação e exploração do território pelos colonizadores e seus sucessores que levaram a concentração das riquezas e do poder político, gerando miséria e dependência da maioria da população sertaneja” (MARINHO, 2007, p. 467).

Ao analisarmos a resistência dos pequenos produtores rurais frente às secas e como esse fenômeno afeta de forma direta na vida cotidiana deste grupo social, utilizamos teoricamente os pressupostos da história social, utilizando a metodologia da história oral. Visto que como nos aconselha Marc Bloch (2001, p. 54) o historiador deve estudar o ser humano como “(...) o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça.” Ou seja, o principal objeto de estudo do historiador é o ser humano e seus feitos. Desse modo, ao nos valermos do aporte da História Social corroboramos com a premissa de Peter Burke (1992, p. 8) o desafio para o historiador social é mostrar como ele de fato faz parte da história, relacionar a vida cotidiana aos grandes acontecimentos.

A história não era vista de baixo, não se dava importância às atividades humanas, ou seja, de pessoas simples, que estavam em segundo plano, para a historiografia tradicional apenas os grandes feitos eram narrados. A historiografia passa a estudar a história vista de baixo após a escola dos Annales - fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929, fazendo parte da primeira geração dos Annales. A historiografia passa a ser fragmentada em vários campos historiográficos dando atenção aos feitos humanos, e a análise dos fatos, diferente da história tradicional que da narrativa aos fatos. Segundo Burke

O movimento da história- vista-de-baixo também reflete uma nova determinação para considerar mais seriamente as opiniões das pessoas comuns

sobre o próprio passado do que costumavam fazer os historiadores profissionais” (BURKE, 1992, p. 4).

A história não está presente somente na vida política, vista de cima mas também está presente no cotidiano da sociedade vista de baixo, saindo de um isolamento disciplinar e se correlacionando-se em outras áreas do conhecimento.

As fontes usadas foram as orais, através de entrevistas com funcionários da parte administrativa e com os trabalhadores das frentes. Durante a pesquisa documental, percebemos a ausência de registros escritos, pois ao procurarmos o arquivo da prefeitura foi alegado que não existem documentos por escrito da época e que esta documentação era responsabilidade da gestão vigente do período estudado. Ao entrar uma nova gestão na administração municipal os documentos sumiram e no arquivo da prefeitura só tem disponíveis documentos da década de 90 em diante. Assim, devido este fato constatamos haver uma restrição em relação às fontes documentais da época, faz-se necessário o uso quase exclusivo de fontes orais.

Metodologicamente está presente a história oral coletiva, porem pode aparecer traços individuais, ou seja, pontos de vistas diferentes sobre as frentes, pois há experiências vividas individualmente entre os trabalhadores. Segundo Montenegro

A cultura o inconsciente, a história individual, a coletiva... Esses seriam fatores constitutivos das formas de relação que estabelecem entre o sujeito e o acontecimento histórico vivenciado cotidianamente. Enfim, um conjunto de processos que nos tornam idênticos e diferentes das demais pessoas com quem convivemos. (MONTENEGRO, 1992, p. 56.)

Os entrevistados foram os principais personagens ativos e consistentes, busco nestes escolhidos os critérios qualitativos, buscando veracidade aos fatos, por meio de entrevistas temáticas, ou seja, onde o entrevistado vai narrar a sua participação na frente de trabalho, de acordo com (ALBERTI, 2005, p.37) as entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido.

Neste trabalho, procurou-se apresentar as condições de trabalhos enfrentados pelos pequenos produtores rurais nas frentes de trabalho em Piranhas/AL procurando uma aproximação com os aspectos fundamentais da realidade vivida por estes trabalhadores, condições sociais e econômicas. Estas que eram usadas como política de intervenção assistencialista da época “compreendendo as relações sociais como produtos das ações históricas de sujeitos instituições sociais, estando em constante transformação” (MARINHO, et, al, p.341).

2 POLÍTICAS DE COMBATE À SECA

A estiagem é causada pela insuficiência de precipitação pluviométrica, ocorre periodicamente podendo se alongar transformando-se em uma longa seca, no sertão nordestino afetando principalmente a população da zona rural, que dependem das chuvas para produzirem os subsídios alimentares e criarem os pequenos rebanhos.

A definição da indústria da seca vem a partir dos interesses políticos coronelistas da época, aproveitavam-se do estado de calamidade causada pela seca, e utilizavam-se como um meio de negócio para aumentar suas riquezas e o poder político. O interesse não estava voltado para os pequenos trabalhadores rurais, considerados pela mídia e governo federal de flagelados da seca, estavam voltados para os controladores políticos da região, os chamados coronéis desviavam e apropriavam-se das políticas públicas destinadas aos trabalhadores sertanejos. As verbas federais ficavam concentradas nas mãos da elite regional, contribuindo para o aumento da pobreza. Segundo Marinho,

Pesavam interesses políticos dos coronéis com as perdas dos rebanhos e com a possibilidade de ampliar as suas riquezas por meio da situação de calamidade instaurada. Dessa forma, conseguem colocar a seca a seu serviço e fazem dela um grande negócio, popularmente intitulado de “indústria da seca” (MARINHO, 2003, p. 369).

Os planos de quem utilizava a indústria da seca era tirar proveitos de incentivos fiscais, perdão de dívidas etc. tornando-se um ciclo vicioso. Tudo isso era usado como proveito da situação de fome que assolava devido à seca, para os trabalhadores rurais chegavam as migalhas, tornando o Nordeste como uma região necessitada de esmolas institucionalizadas. De acordo com Albuquerque Jr (2011, p. 88), “isto torna o Nordeste a região que praticamente vive de esmolas institucionalizadas através de subsídios, empréstimos que não são pagos, recursos para o combate à seca que são desviados e isenções fiscais”.

Segundo Albuquerque Jr (2011.p.81), o termo Nordeste surgiu como meio de diferenciar e designar a área de atuação do IFOCS surge como uma parte do norte que está sujeito as secas, para ele é sem sombra de dúvida, o primeiro traço definidor do Norte e o que diferencia do Sul, uma região frágil filho da seca o que torna um produto imagético-discursivo através das imagens da seca reproduzidas através dos jornais do Sul que chamam a atenção para o Nordeste como uma região problema, necessitada das boas ações do Sul para sobreviver ao flagelo da seca, geralmente a seca ocorre sobre o sertão.

Sertão, compreendido por o espaço das terras interioranas do Nordeste, com um clima semiárido e vegetação denominada de caatinga, com elevadas médias de temperaturas e baixo

índice pluviométricos. A concentração das chuvas tem duração de dois a três meses, ao ano denominado de inverno, ou o período das trovoadas durante o verão, mas há anos que pouco chove, e as secas passam a ser periódicas.

As secas constituem um fenômeno que mais caracteriza o Nordeste, as imagens sobre o semiárido e os sertanejos são historicamente construídas através dos meios midiáticos, uma terra seca, de pobreza e miséria. Um sertão estorricado, com solos rachados e sertanejos mal vestidos, mal alimentados, e uma família avantajada, estereotipando a mulher e o homem nordestino. As imagens estereotipadas do sertanejo sendo um jeca, ou matutas vêm da vida dura, das intermináveis secas, educação era acesso para poucos, estes ficando desprovidos de discurso próprio, configurando como ignorante, sem inteligência e incapacidade de crescimento, aos saberes formais. Segundo Albuquerque Jr,

Um Nordeste em que a natureza está em segundo plano, em que os quadros de simplificação e de pobreza de cenários serão cristalizados como a realidade regional (ALBUQUERQUE JR,2011, p.280).

Diante da realidade sertaneja, a concentração de terras, as riquezas e o poder político estavam concentrados nas mãos dos latifundiários, criando uma situação de dependência e miséria em parte da população sertaneja marcada por injustiças sociais, nas áreas da saúde, educação e renda de acordo com Albuquerque Jr a visão construída por Graciliano Ramos é de uma sociedade injustiçada e miserável. Segundo Albuquerque

Uma raça condenada a desaparecer, se não fosse acordada de seu torpor, de seu sono, de sua ignorância. Sua revolta ronca e feroz de nada de nada adiantava, sem o necessário esclarecimento de um projeto de transformação e sem o conhecimento prévio da verdade de sua realidade. (ALBUQUERQUE JR, 2009, p.270).

As secas são vistas e enfatizadas como estado de calamidade, fome, sede, perdas e prejuízos, um problema grave que atinge em maior escala os sertanejos, que em maior parte são pequenos produtores rurais, estes dependem da agricultura, e da criação de gado, ovelhas, cabras etc. Para subsistência familiar, os domínios políticos aproveitam-se da seca para ganhar domínio sobre os sertanejos. De acordo com (MARINHO, sd, p338) essa forma é possível compreender como tais forças política aproveitam da seca para aumentar o seu poder sobre as parcelas empobrecidas da população através do controle dos recursos públicos e dos meios fundamentais para sobrevivência dos pequenos produtores rurais, a terra e a água. O controle

dos recursos públicos disponibilizados acontece com frequência um exemplo comum é o abastecimento de água potável, que é realizada através da operação pipa.

O questionamento sobre as políticas públicas para o combate à seca arrasta-se desde o período imperial, de acordo com MARINHO (2007, p.467) a seca passa a ser um problema social relevante a partir do século XVIII, depois da efetivação da população branca nos sertões. Com a ocupação humana no sertão, a caatinga começou a ser explorada e devastada para a criação de gado e cultivo de produtos agrícolas, modificando o ecossistema sertanejo, que está constituído de plantas xerófilas adaptadas as variações climáticas existentes na região provocando um desequilíbrio ecológico na região.

Figura 1-frente de trabalho.



Fonte: Jornal de Alagoas. 3 de setembro de 1983.p, A-2. Arquivo Pulico de Alagoas.

Muitas vezes o trabalhador é associado a bichos presentes no bioma devido a condição de vida que leva criando pejorativos correspondentes a situação momentânea, nomes pejorativos, dados a frente de trabalho “magnu” e “morrinpé criado pelos próprios trabalhadores estes são referenciados como cassacos em outros estados do Nordeste. Segundo Castro “Esse nome é dado a um animal feio e fedorento no Ceará, Pernambuco, Paraíba e outros estados dos nordestinos” (2011, p. 1).

Considerando que estes trabalhadores: eram comparados ao cassaco, animal da caatinga que exala um cheiro ruim e é visto como um animal feio, ou seja, os trabalhadores eram feios e fedorentos, que cavavam buracos, limpavam açudes, abriam cacimbas, mal remunerados,

trabalhavam pesado para garantir a sua sobrevivência e a de seus familiares em meio à seca, pois o que tinham como meio de alternativa era a ajuda das políticas públicas, ou seja trabalhar nas frentes de trabalho.

A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste surgiu em meio a uma problemática, o DNOCS política pública presente na época tornou-se um centro de clientelismo, onde os interesses da classe dominante corrompia o serviço prestado, estava voltada para uma política assistencialista de açudagem no intuito de represar e reservar a água da chuva chega. O DNOCS foi criado em 1945, originada de políticas públicas anteriores, em 1909 a proposta pública intervencionista foi batizada de IOCS e em 1919 em IFOCS. Segundo Vidal,

No âmbito do governo central, as políticas públicas e ações governamentais ligadas a essa estratégia cristalizaram-se quando da criação da Inspeção das Obras Contra as Secas (IOCS), em 1909, órgão originariamente de caráter transitório, mas depois efetivado como a Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), em 1919, e por fim transformado no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), em 1945 (VIDAL, 2003, p. 3)

A SUDENE criada em 1959, no governo de Juscelino Kubistchek, idealizada pelo economista Celso Furtado com uma perspectiva de fazer um desenvolvimento econômico no Nordeste. Essa autarquia estava subordinada de forma direta ao presidente da república e ao compreender os nove estados nordestinos tinha como intenção formar intervenções diretas na região Nordeste, ou seja, no desenvolvimento econômico que traça caminhos entre o desenvolvimento regional e nacional provocando desigualdades sociais entre ambas. Desse modo, as frentes de trabalhos foram criadas pelo governo e implantadas pela Sudene em épocas de seca, no semiárido nordestino, estes trabalhavam em construções de açudes, estradas, barragens, pontes etc.

No tocante à adoção de políticas públicas mais ativas para o tratamento dessa problemática, é por demais conhecido: a estratégia da intervenção estatal planejada, consubstanciada na criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), em fins de 1959. (VIDAL, 2003, p.1).

Muitas vezes o combate à seca se tornava um grande negócio, favorecendo as elites dominantes locais, denominado de indústria da seca. Segundo Marinho,

Em relação às políticas governamentais no Semi-árido, questiona-se o caráter emergencial, fragmentado e descontínuo dos programas desenvolvidos em

momentos de calamidade pública que alimentavam a chamada “indústria da seca”. (MARINHO,2007, p.472).

Para Furtado era necessário uma reforma administrativa acompanhada de uma reformulação política renovadora, habilitada a modificar as estruturas administrativas presentes na época, em sua visão as políticas públicas e órgãos do governo cresciam de forma vegetativa, pois as mesmas não tinham uma visão geral dos problemas sendo necessário unificar as políticas públicas descentralizando, integrando e unificando as atividades de planejamentos para o crescimento do Nordeste. Segundo Vidal,

A superintendência do desenvolvimento do Nordeste (Sudene) pretende ser um órgão de natureza renovadora com o duplo objetivo de dar ao governo um instrumento que o capacite a formular uma política de desenvolvimento para o Nordeste e, ao mesmo tempo, o habilite a modificar a estrutura administrativa em função dos novos objetivos. (FURTADO, 2009, p. 35).

Caracterizando este cenário, empresários deixavam de pagar seus empréstimos, alguns fazendeiros construía açudes e estradas em suas terras particulares usando verbas públicas, deixando a população sertaneja sem benefícios, assim contribuindo para um aumento de precariedade na condição de vida dos sertanejos o que não diferenciou muito da política do DNOCS. Segundo Denys,

A evolução política do Brasil acabou enfraquecendo a Sudene e o planejamento regional, ao centralizar o poder no Governo Federal após 1964. Essa situação não mudou muito após a redemocratização do Brasil, em 1985(Denys, al, et. 2016, p.29)

O presente trabalho faz uma análise a frente de trabalho implantado pela Sudene no período de 1979 a 1983, no município de Piranhas cidade ribeirinha. Essas frentes eram a assistência que os pequenos produtores rurais recebiam do governo federal, os mesmos sofriam os impactos causados, por falta de chuvas cacimbas de água salgada dentro dos riachos, eram escavadas para a retirada de água, sendo usada no consumo doméstico e para matar a sede dos animais. A água com sabor salobre era tomada pela maioria dos produtores rurais, pois apesar de ser um município ribeirinho, localizado as margens do rio São Francisco, não havia abastecimento de água, devido a precária situação financeira. Os pequenos produtores não tinham reservatórios para o armazenamento de água, o roubo da água era frequente, nas tubulações que passavam a quilômetros, de determinados sítios para abastecer outras cidades,

o transporte da água era feito através de carro de boi que levava o número máximo de barricas ou túneis.

Estes pequenos produtores, passam a perder os seus rebanhos, os animais em época de seca são alimentados com palma, planta propicia ao clima semiárido, quando há o prolongamento da seca, muitas vezes o pequeno produtor não consegue vencer este período, sendo preciso apelar para os cactos, o mandacaru, a macambira e macambira de flecha plantas típicas da caatinga, plantas xerófilas que possuem espinhos evitando uma grande perda de água por evaporação. Segundo Marinho,

Um dos fatores marcantes da paisagem é a vegetação de caatinga. Trata-se de um bioma com alta biodiversidade, onde se destaca a formação vegetal xerófila com folhas pequenas que reduzem a transpiração, caules suculentos para armazenar água e raízes espalhadas para capturar o máximo de água (MARINHO, 2007, p.469).

Os pequenos produtores do sertão queimam a macambira, depois de fria corta ou moem, os pés de mandacaru são cortados com machados, transportados a um local para retirada dos espinhos, depois vão servir de alimento para os pequenos rebanhos. Aqui faço um relato à experiência vivida por mim e minha família, sou sertaneja assim como tantas outras famílias fomos castigados com as secas.

Vivenciei a seca as lembranças marcaram a infância, a água que tínhamos pra beber era de barreiros, ao acabar vivencio algo que marcou a minha vida profundamente, vejo a minha avó colocar água salgada no pote, para matar a sede da família, uma água salobre e não potável vivenciei as frentes de trabalho, estas eram divididas em duas equipes masculina e feminina, onde trabalhavam limpando pequenos açudes, dos próprios pequenos produtores sertanejos.

Durante o período das secas, o grande questionamento está na falta de água, que afeta na criação e na agricultura, que é a base econômica dos pequenos produtores rurais, a produtividade destes está sujeito às secas, que ocorrem periodicamente no semiárido, as políticas assistencialistas da época muitas vezes ficavam restritas aos médios produtores o que acabava determinando os alistamentos nas frentes de trabalho, estas pessoas eram denominadas os flagelados da seca.

Estes pequenos produtores produziam de forma substancial para manter sua família, desta forma não havia uma acumulação de produção nos anos de invernos regulares, muitos desses trabalhavam em um sistema de meias com proprietários de médio porte, o que permitia

a estes enfrentarem grandes problemas no período de secas sem subsídios suficientes para atravessar estes longos períodos. Segundo Vidal,

Entretanto, as secas continuaram a revelar a anacrônica e resistente estrutura sócio econômica do semiárido determinando o alistamento, nas conhecidas “frentes” de milhares de flagelados e o expressivo dos gastos estatais assistencialistas, vinculados as lavouras de subsistência os agricultores típicos desse espaço continuaram a apresentar problemas para acumulação, mesmo nos anos normais. Descapitalizado ao final dos ciclos produtivos, teriam dificuldades para enfrentar os anos secos, ainda mais em um contexto de aumento da concentração fundiária decorrente da expansão da atividade pecuária (VIDAL, 2003, p.18).

As frentes de trabalhos eram vistas como uma solução, de combate aos problemas sociais causados pela seca, fazia parte das políticas públicas da época, vieram como meio de evitar o êxodo rural, onde sem alternativa de sobrevivência no campo, os trabalhadores, procuravam os grandes centros urbanos sem qualificação profissional, pois os mesmos estavam acostumados a lidar com a terra. Segundo o Jornal de Alagoas,

Quando a seca atinge seu clímax, os agricultores se deslocam para os centros urbanos mais desenvolvidos. Ali entretanto, ingressam num sistema de vida totalmente desorganizado pela falta de qualificação profissional (JORNAL DE ALAGOAS, 1979, p. A-5).

Durante o período de 1979 a 1983 a seca assolou o Nordeste, castigou com efeitos devastadores no sertão. Durante uma visita ao sertão o deputado Alberico Cordeiro, nas primeiras semanas do mês de janeiro de 1979, demonstra preocupação e descreve para o *Jornal de Alagoas* o problema analisado em sua visita “como sendo lastimável, desoladora a situação dos agricultores e criadores do sertão alagoano. Nos campos- já dizia ele- o quadro é chocante o mato esturricado, lavouras queimadas, a garrancheira tomando conta da paisagem o que é pior, a falta de água para o consumo das populações como para animais. Para ele o governo já deveria estar preocupando-se com o que poderia acontecer e pensar um plano de emergência para o sertão, em sua fala ao *Jornal de Alagoas*, no dia 09 de janeiro de 1979, “acha que os técnicos já deveriam estar pensando em um plano de emergência para o caso de permanecer a estiagem no sertão de alagoas”. Para o deputado eleito era preciso tomar providências imediatamente, para diminuir os possíveis impactos da seca, que o mesmo já previa, pois detecta os sinais em sua visita pelo sertão alagoano.

Os trabalhadores das frentes abriam pequenos açudes, abriam estradas vicinais e limpavam cacimbas, as frentes estavam distribuídas em toda extensão territorial de Piranhas de acordo com entrevistados, alguns trabalhos foram realizados em propriedades particulares, cujo objetivo era beneficiar o proprietário, este feito geralmente era conseguido através de meios políticos.

Figura 2- Açude construído em propriedade privada pela frente de trabalho. Piranhas/AL



Fonte: MELO, Aureni de França, setembro de 2018.

Em meio às problemáticas enfrentadas pelos trabalhadores das frentes, fazia necessário o alistamento dos mesmos, para poderem sustentar suas famílias através do trabalho árduo e braçal. De acordo com Celso Rodrigues o trabalho estava distribuído entre homens e mulheres, porém havia uma separação de sexos, os trabalhos mais leves eram atribuídos às mulheres levando em consideração suas forças físicas.

A organização do trabalho dava-se da seguinte forma, as mulheres alistadas trabalhavam em uma frente composta apenas por mulheres, que tinha uma apontadora para regular a chamada das mesmas, conhecida pelo pejorativo de cachimbo. De acordo com a administração das frentes de trabalhos, “era para evitar confronto com os homens”, ou seja, criando uma desigualdade de gênero e entrelaçando o poder conservador e patriarcal tipicamente machista da época. Segundo Souza,

Ali as relações econômicas e de gênero ainda mantêm nítidos alguns traços da era colonial: de um lado, uma agricultura de subsistência; de outro, uma estrutura familiar patriarcal, na qual o trabalho duro das mulheres torna-se

invisível, enquanto sua sexualidade e liberdade de ir e vir são altamente controlados (SOUZA, 2010, p. 2).

As mulheres que trabalharam nas frentes de trabalhos, eram donas de casas, tinham que dividir o tempo entre os serviços da frente e os fazeres domésticos, portanto, tinham uma dupla jornada de trabalho e recebiam o valor equivalente aos homens. Algumas destas mulheres eram educadas com o regimento dos pais, onde estavam subordinadas aos irmãos, e aos maridos deixando assim clara a subordinação masculina, visivelmente eram dominadas e discriminadas, ambas são privados da educação formal, o máximo da educação formal atingida era a antiga quarta série, pois o período e o contexto em que estavam inseridas não permitia avançar intelectualmente. De acordo com SOUZA “Sua sexualidade era um objeto central de vigilância; elas deviam subordinar o prazer à procriação. Tudo isso se manifesta como resultado de uma política de exclusão do feminino” (2010, p. 4).

De acordo com o *Jornal de Alagoas* em 3 de setembro de 1983, nº 211 folha A-2 uma matéria intitulada “Mulheres reclamam que sofrem discriminações” denuncia a discriminação sofrida pelas mulheres sertanejas, em que elas reivindicam o alistamento sem depender de idade, estado civil, ou qualquer outro empecilho, assim como a redução na jornada de trabalho para 4 horas, galpões para alojar os filhos etc. Entre as reivindicações a garantia do salário mínimo completo sem atrasos e a distribuição de alimentos em todas as frentes de trabalho no intuito de amenizar o então flagelo causado pela seca, as reivindicações visavam atender as mulheres de situação social vulnerável, dentro desta conjectura estavam viúvas, mães solteiras, mulheres com problemas de saúde, mulheres abandonadas pelo marido onde são chefes de famílias necessitando trabalhar para sustentar os filhos, está reivindicação foi feita para o então governador vigente no ano de 1983, Divaldo Suruagy.

Estas mulheres sentiam-se lesionadas perante os homens, questionavam e reivindicavam seus direitos, para isso formaram uma delegação, para os dias atuais um movimento social, porém o jornal não apresenta nomes de liderança e não apresenta o nome do movimento, pelas reivindicações e visto que havia uma desigualdade entre homens e mulheres. Segundo Souza,

Entre o silêncio histórico que tenta situar as mulheres rurais do sertão na condição de invisíveis em um mundo atravessado por relações machistas, onde os sujeitos são construídos pela força da exclusão, narradas a partir do estranhamento que instaura as mulheres sertanejas no campo do “não ser” e do “não dito”, é necessárias pensar os sentidos produzidos pelo movimento de mulheres trabalhadoras rurais na construção de um sujeito político e na busca pela “visibilidade”(SOUZA, 2010, p. 7).

A desigualdade social estava ligada a pobreza que definhava o sertão, e a culpa estava na seca que periodicamente assola o Nordeste, dentro dessa conjectura cria-se a ideia de combate à seca, combater a seca tornava-se um problema difícil de resolver, para isto seria necessário controlar os fenômenos da natureza. O fenômeno que provoca as secas no sertão nordestino está ligado ao El Niño com sua influência sobre o aquecimento do oceano, provocando alterações no regime de chuvas no Nordeste, ou seja, um problema dificilmente de resolver. Segundo Denys,

O clima do Nordeste é muito influenciado pelo fenômeno El Niño e pelas temperaturas da superfície do Oceano Atlântico. Além disso, também sofre influência de frentes frias que vêm do sul e de ventos que trazem umidade do Atlântico. Em geral, secas estão associadas ao fenômeno El Niño, o que resulta, em geral, em precipitações menores do que a média histórica na região semiárida, que é de cerca de 800 mm por ano. Apesar de uma precipitação anual média relativamente alta, ela é concentrada em poucos meses do ano. Além disso, os níveis de evapotranspiração ultrapassam os 2 mil milímetros por ano. Isto, associado aos solos rasos sobre uma base cristalina em grande parte do Semiárido, resulta em rios intermitentes. Nos casos de seca extrema, a queda na precipitação é superior a 50% (DENYS, 2016, p. 23).

Atualmente as políticas de intervenção assistencialista, fornecem a operação pipa, no abastecimento de água potável e o programa garantia safra que dá assistência financeira ao pequeno produtor que teve perda total da safra, e cisternas para armazenar a água da chuva, porem esta visão assistencialista continua contribuindo para uma visão de pobreza e miséria. As lideranças nordestinas continuam usando estes artefatos para se perpetuarem no poder político, escondendo os reais problemas e as possíveis alternativas de mudança, para sertão. “Continua a pratica pública de ações emergenciais assistencialistas, visando abafar e controlar a insatisfação popular e justificar os grupos políticos dominantes locais garantindo-lhes a perpetuação no poder” (MARINHO, Sd. p.339).

3 AS FRENTES DE TRABALHO EM PIRANHAS

De acordo com (LINS, 2010, p.38) Piranhas município ribeirinho localizado as margens do rio São Francisco, na região Nordeste ao extremo sudoeste do estado de Alagoas. O censo populacional de Piranhas nos mostra que entre as décadas de 1970 a 1980 está em média de 4.567 a 5.945 habitantes. O clima é megatérmico e semiárido, com deficiência de chuvas, predominando o bioma caatinga em toda extensão territorial do município. O crescimento

populacional em Piranhas durante estas duas décadas apresenta um crescimento baixo devido o processo de emigração causado pela falta de perspectiva de sobrevivência no município.

Segundo (LINS, 2010,p.38) a história do município de Piranhas-AL tem início com o povoamento de Entremontes datada do século XVII com a necessidade de um entreposto para ligar a região do alto e baixo São Francisco, que a partir desta localidade não sendo possível a utilização da navegação surge o povoado de Tapera no século XVIII localizado as margens do rio São Francisco, fazia ligação entre o alto e baixo são Francisco, com a construção da ferrovia o povoado cresce chegando a categoria de cidade. De acordo com o senso populacional IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2016 o município tem 25 130 habitantes.

Figura 3 – Localização da área de estudo do município de Piranhas - Alagoas



Fonte: LINS,2010, p.38

O município de Piranhas, entre as décadas de 1960 a 1980, apresenta um pequeno crescimento da sua população e isto se deve, possivelmente, a ausência de perspectivas de sobrevivência para as pessoas que se viram obrigadas a emigrar (LINS, 2010, p.85).

A tabela abaixo mostra o desenvolvimento populacional no município de Piranhas no período que vai da década de 1960 a 2001, a taxa de crescimento do período estudado é muito baixa oscilando entre 2,5 e 2,7 de crescimento.

Tabela 2.15 – Piranhas, Taxas media anuais de crescimento da população 1960 – 2007*

Censo	1960	1970	1980	1991	2000	2007
População	3.579	4.567	5.945	14.458	20.007	23.910
Taxas	-	2,5	2,7	8,4	3,7	2,6

Fonte: IBGE (Censos 1960, 1970,1980,1991,2000,2007) IBGE/contagem populacional 2007*

As frentes de trabalho estavam ligadas a condições específicas de cada seca, e ao período em que esta ocorria, havia os ajeitados políticos, conseqüentemente uma forma de beneficiar o eleitorado de políticos, isso em uma visão geral concentrada em todo o Sertão Nordestino. Segundo Denys,

As frentes de trabalho dependeram das condições específicas de cada seca, inclusive do arranjo político e da prioridade atribuída, quase sempre em função do nível de calamidade causada pela seca (DENYS 2016, et, al, p. 35).

De acordo com Celso Rodrigues ex-prefeito da época, as frentes foram implantadas no município, através de conferencias com os prefeitos da região Nordeste, onde os demais reuniram-se para discutir a situação de cada município sertanejo e pedir auxílio emergencial para a seca a solução encontrada estava nas frentes de trabalho distribuídas nos municípios sertanejos, implantadas pela SUDENE, é importante frisar que neste período o país estava sobre administração militar.

Para o ex-prefeito da época Celso Rodrigues as obras não tinham tanto importância, e que os trabalhos desenvolvidos pelas frentes no município não deixaram um legado histórico comparado a outras obras, pois se tratava de concertos e aberturas de estradas vicinais e pequenos açudes para o ex-administrador municipal era apenas para reduzir os efeitos causados pela seca, visto

como uma forma de sobrevivência com o pequeno salário recebido. O mesmo não considerou as obras como importantes para o município, por não ter durabilidade e arquitetura, comparada a linha férrea construída durante o império e desativada pelo governo militar em 1964.

Teoricamente deparo-me com os vestígios da história vista de cima, dando uma importância maior aos feitos político, sem ser levado em consideração a importância que teve as frentes para os pequenos produtores rurais, sendo esta a principal fonte de renda para os “morrinpés” deste período. O salário pago as frentes de trabalho correspondia a um salário mínimo vigente no período, recebido quinzenalmente onde o trabalhador alistado poderia trabalhar uma quinzena completa ou meia quinzena, seu salário correspondia aos dias trabalhados. Em uma época de instabilidade econômica, e com a inflação desvalorizando a

moeda, o valor recebido dava para pouca coisa, isto de acordo com entrevistados porém não havia um número determinado de pessoas de uma mesma família para serem alistadas o trabalho foi realizado em várias comunidades do município, faço um recorte com a comunidade de Olho D'aguinha onde famílias carentes com números expressivos de membros familiares foram alistadas, o trabalho foi realizado na mesma comunidade e outra vizinha, onde o deslocamento era feito a pé ou de bicicleta. Segundo Denys,

Em outras ocasiões, como em 1983, eram construídas obras menores, mais perto das comunidades, requerendo menos deslocamentos. Nesse ano foram criados no Nordeste mais de 3 milhões de empregos emergenciais. O salário era muito baixo, uma fração do salário mínimo legal, mas vários membros da família podiam ser empregados (DENYS, 2016, et, al, p. 33).

A seca ocorreu por cinco anos consecutivos gerando um estado de calamidade no Nordeste, o contexto político histórico vivido no Brasil neste período era a ditadura militar, tendo como presidente da república Joao Figueiredo, de acordo com o *Jornal de Alagoas* em 1 agosto de 1979 folha A-11 o presidente João Figueiredo aprovou a “Exposição de Motivo” encaminhada pelo então ministro do Interior Mario Andreazza, que visava a aprovação de recursos para o Programa de Emergência, este consistia em atender as vítimas da seca na região Nordeste, o então presidente liberou Cr\$ 1,87 bilhão. Esta decisão foi adotada em Brasília em uma reunião com Ministério do Interior onde reuniu alguns governadores do Nordeste e dirigentes dos órgãos envolvidos no programa de emergência, entre os dirigentes estava o superintendente da Sudene Valfrido Salmido Filho. Ainda de acordo com o *Jornal de Alagoas* do dia 1 de agosto no momento em que está decisão foi tomada os alistamentos nas frentes estavam suspensas nos estados atingidos, que já contava com cerca de 407 mil homens alistados nos estados atingidos.

Em agosto 29 de 1979 de acordo com o *Jornal de Alagoas* verbas são liberadas e repassadas para o pagamento da mão de obra na execução de obras públicas, de acordo com o jornal foram liberados mais de 1 bilhão e 145 milhões de cruzeiros transferidos a Sudene, este dinheiro foi liberado através do decreto 83.881 do dia 22 de agosto de 1979 pelo presidente João Figueiredo. Também foram liberados 600 milhões de cruzeiros em uma linha de credito destinada ao Banco do Brasil, e ao Banco do Nordeste, esta linha de credito visava investimentos nas propriedades afetadas pela seca, o intuito era criar uma infraestrutura para os trabalhadores rurais resistir a futuras secas.

De acordo com os entrevistados as ferramentas utilizadas nas frentes eram entregues pela Sudene que estava trabalhando em conjunto com a Codevasf a mesma é uma empresa pública vinculada ao desenvolvimento do São Francisco, na visão dos trabalhadores foi um auxílio essencial para a sobrevivência neste período, relatam que alguns parceiros por falta de alimento matavam animais encontrados na caatinga para alimentarem-se, estes animais eram soins e camaleões que eram tratados e sapecados na brasa no âmbito do trabalho, de acordo com um entrevistado “não comiam cobras por conta que era muito pesado”, os trabalhadores tinham que levar o próprio alimento para o local de trabalho, onde saiam dividindo entre ambos, uma reportagem do Jornal de Alagoas do dia 27 de setembro de 1983, folha A-7 o deputado Djalma Falcão (PMDB-AL) fala sobre a situação acarretada pela seca “a fome absoluta leva o homem a comer ratos, calangos ou comida de gado ressaltou o parlamentar” o mesmo salientou que a estiagem torna a região não apenas inabitável, mas também incendiária e explosiva socialmente.

De acordo com os trabalhadores entrevistados Jose de Oliveira e Manoel Bezerra era uma fase magra, pois o que ganhavam era uma mixaria, que consistia em torno de Cr\$ 15,30 (quinze cruzeiros e 30 centavos) por quinzena, trabalhavam pesado na construção dos açudes escavando e carregando a terra para fora, em termos de beneficiamento do açude a comunidade foi beneficiada com o primeiro proprietário o mesmo deixou uma passagem para que os pequenos produtores passassem para pegar a água, porém a propriedade foi vendida para outra pessoa, que proibiu e fechou a passagem para a população da localidade até os dias atuais.

Os trabalhadores colocaram os pejorativos de “magnu” devido as pessoas estarem mal vestidas e magras pela escassez de alimentos, e “morrinpé” devido estar em pé escoradas no cabo da enxada, de acordo com o entrevistado Jose de Oliveira cochilando sem coragem para trabalhar. Ao perguntar sobre a situação política do período estudado, os entrevistados sabiam que o presidente era João Batista de Oliveira Figueiredo, mas não sabiam que o Brasil estava sobre intervenção militar, não tinham conhecimento sobre o golpe militar e as manifestações contrárias, os eram desprovidos de informação da época, os mesmos não tinham acesso aos meios de comunicação. Os trabalhos foram encerrados logo após chover no sertão, onde os trabalhadores foram plantar em suas pequenas propriedades ou no sistema de meias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As frentes de trabalho, aplicadas em pequenas propriedades, foram um auxílio emergencial de suma importância para os pequenos produtores rurais. Por falta de oportunidades de trabalho as frentes eram vistas como solução para o problema, aplicadas em pequenas propriedades rurais e usadas como um meio para combater a migração sertaneja e evitar o abandono da propriedade. A construção de açudes estava voltada para atender os próprios trabalhadores, porém ficavam em propriedades particulares dificultando o acesso de quem necessitava posteriormente. É notável que os interesses com os trabalhadores eram poucos, prevalecia os interesses oligárquicos que dominavam a região sendo os principais favorecidos.

Para o período estudado foi de grande importância o valor considerado “mixaria” termo utilizado pelos trabalhadores para indicar que o ganho era pouco, mas ajudava perante a necessidade a qual se encontrava.

Novas políticas públicas foram implantadas ao decorrer das décadas, deixando de lado a questão de combate à seca, lançando-se uma política retroativa de conviver com a seca. Diante dos avanços as secas continuam persistentes no sertão e a população continua a enfrentar problemas no período de estiagem. A implantação dos programas de cisternas auxiliou na captação de água da chuva ajudando a população, por outro lado a população continua a mercê da troca de favores, ou seja, o voto trocado por carro pipa alimenta a política do clientelismo, a perda dos rebanhos ainda é visível no período das secas politicamente os problemas continuam na mesma natureza.

5 REFERÊNCIAS

AÇÃO contra seca terá emergência em Alagoas. **Jornal de Alagoas**. 15 de abril de 1979.p, A-3.Arquivo Público de Alagoas.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro. FGV,2005.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de, **A invenção do nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez,2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BURKE, Peter. A nova história e seu passado e seu futuro. In: **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CASTRO, Laura. **Cassacos: trabalho, cotidiano e conflitos nas frentes de serviços na Bahia e no Ceará (1945-1962)**. São Paulo: ANPUH, 2011.

DENYS, E.; ENGLE, N, L.; MAGALHAES, A.R. **Secas no Brasil: política e gestão proativas**. Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos-CGEE: Banco Mundial, 2016.292p.

ELIS, Tatiane. Sertanejo guerreiro. Disponível em:
<<https://www.pensador.com/frase/mjm1mjmyw>>Acesso em 08/12/2018, 13h12min.

FALCÃO, seca atinge 27 milhões de pessoas, **Jornal de Alagoas**. 27 de setembro de 1983. p, A-7. Arquivo Público de Alagoas.

FIGUEIREDO aprova plano contra seca. **Jornal de Alagoas**. 1 de agosto de 1979. p, A-11. Arquivo Público de Alagoas.

FURTADO, Celso. **A saga da Sudene**. Rio de Janeiro: Contraponto: centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População de Piranhas-AL no último censo de 2010**. Disponível em:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/piranhas/panorama>>Acesso em 10/12/2018, 14h30min.

LINS, Regina Dulce Barbosa, **Perspectivas para o meio ambiente urbano: GEO Piranhas/** coordenado por Regina Dulce Barbosa Lins,- Alagoas, Maceió:[s.n.], 2010.

MARINHO, Roberto; **Entre o combate à seca e a convivência com o semiárido: políticas públicas e transição paradigmática**. Fortaleza: Revista Econômica do Nordeste,2007.

MARINHO, Roberto.et al; **Trabalhadores rurais na seca 1992-1993 no RN: políticas públicas e luta pela sobrevivência**. UFRN, S/d.

MULHERES reclamam que sofrem discriminações. **Jornal de Alagoas**.3 de setembro de 1983.p, A-2. Arquivo Público de Alagoas.

NORDESTE já tem verba para seca. **Jornal de Alagoas**. 29 de agosto de 1979. Ano LXXI nº196. Arquivo Público de Alagoas.

SECA castiga sertão matando gado e lavoura. **Jornal de Alagoas**. 7 de abril de 1979.p.A-5.Arquivo Público de Alagoas.

SECA deputado vê drama no sertão. **Jornal de Alagoas** .9 de janeiro de 1979. Ano LXXI. Arquivo Público de Alagoas.

SOUZA, Maria Aparecida de O. **As mulheres trabalhadoras rurais e suas experiências de vida**, 2010.

VIDAL, Francisco. **Quo Vadis Nordeste?** Vicissitudes da questão regional no contexto do capitalismo contemporâneo; 2003.

REFERÊNCIAS ORAIS

FRANÇA, Manoel Bezerra de. [48 anos]. [abril 2019]. Entrevistadora: Aurení de França Melo. Delmiro Gouveia, AL. 01 de abril de 2019.

OLIVEIRA, Jose de. [72 anos]. [março 2019] Entrevistadora: Aurení de França Melo. Delmiro Gouveia, AL. 31 de março de 2019.

RODRIGUES, Celso. [79 anos]. [julho 2018] Entrevistadora: Aurení de França Melo. Delmiro Gouveia, AL. 10 de julho de 2018.

RODRIGUES, Renato Douglas. [51 anos]. [julho 2018] Entrevistadora: Aurení de França Melo. Delmiro Gouveia, AL. 10 de julho de 2018.

SILVA, Amarildo Galdino da. [50 anos]. [julho 2018] Entrevistadora: Aurení de França Melo em 10 de julho de 2018.

Apêndice A

Renato Douglas Rodrigues

Qual sua visão sobre as frentes de trabalho, implantadas pela SUDENE a mesma atendia aos requisitos propostos pelo governo federal?

Atingia os mais necessitados naquela época justamente na nossa região, a escassez de chuva era imensa, a seca era terrível o governo federal naquela época encontrou essa alternativa de se criar essas frentes de trabalho no sertão eu falo propriamente daqui de Alagoas no município de Piranhas, essas frentes de serviços justamente pra ajudar essas pessoas que não tinham o que colher na época, não tinha o que plantar porque não tinha chuva foi um ano de muita seca, então a solução que ele encontrou foi criar essas frentes de serviço que limpava as barragens, os barreiros, ajeitava as estradas vicinais do nosso município pra justamente desse dinheiro que as pessoas recebiam, comprariam o sustento do dia a dia deles, então a minha visão foi essa.

As frentes de trabalho foi implantada em todo município, e qual público atendia?

Foi implantada em todo município e atendia o público da zona rural e aqueles mais necessitados da zona urbana com poder aquisitivo inferior a realidade da época, então aquelas pessoas mais necessitadas era quem era escolhidas e cadastradas pra trabalhar nessas frentes de serviços, eram pais de família, mães de família trabalhavam todos pra no final do mês receberem o sustento pra justamente comprar o pão de cada dia dos seus filhos.

Qual a situação das mulheres nas frentes, as mesmas foram alistadas?

As mulheres também eram alistadas, mas em frentes separadas dos homens para evitar confrontos, eram serviços mais leves, serviços de limpeza de pequenos barreiros que não forçavam tanto a força física delas era uma coisa mais leve que já ajudava o marido alistados em outra frente de serviço, os valores de pagamento eram iguais para ambos, o pagamento era feito quinzenalmente, na moeda de hoje acredito que era um valor de meio salário tinha gente que trabalhava apenas uma quinzena outros trabalhavam o mês todo, o fiscal ia lá fazia uma chamada tanto para os homens como para as mulheres, quem trabalhava o mês completo recebia um salário, quem não meio salário.

Apêndice B

Celso Rodrigues (Ex-prefeito)

Qual sua visão sobre as frentes de trabalho, implantadas pela SUDENE a mesma atendia aos requisitos propostos pelo governo federal?

De qualquer maneira ela atendia a necessidade de amenizar a fome e a escassez de trabalho do sertanejo, do nordestino da pobreza, mas em obras eu acho que não deixaram obras que marcassem aquele período, eram pequenos barreiros, consertos de rodagens de barro que quando vem a chuva estraga tudo de novo, diferente da estrada de ferro que D. Pedro II construiu a estrada de ferro de Piranhas a Petrolândia que depois veio a revolução que arrancou os trilhos destruiu tudo, mas as obras de arte estão ai todas intactas as pontes, os aterros, os bueiros com mais de cem anos de construídas.

Como foi que na época veio esse projeto foi o senhor que buscou?

O projeto veio com um conjunto de prefeitos nordestinos, fizemos várias reuniões etc e etc os deputados e governantes daquela época trouxeram pra cá esse projeto de construir barragens estradas e rodagens com frentes de serviço.

A frente de trabalho foi aplicada no município todo?

As frentes de trabalho foram aplicadas em todo município nesse ponto os prefeitos determinavam os pontos onde iam ser aplicadas por exemplo o prefeito queria um açude na Lagoa Nova ai botava uma frente lá o prefeito determinava de acordo com a necessidade da comunidade.

Qual a situação das mulheres nas frentes, as mesmas foram alistadas?

As mulheres trabalhavam mas eram poucas uns dez por cento ainda não tinha a igualdade entre as mulheres e os homens como hoje.

Apêndice C

Amarildo Galdino da Silva

Qual sua visão sobre as frentes de trabalho, implantadas pela SUDENE a mesma atendia aos requisitos propostos pelo governo federal?

Pois é era pra atender a seca o desemprego por conta das estiagens, essas frentes de serviço era pra fazer pagamento as pessoas carentes do Piau de Entremontes na redondeza toda, o intuito do governo era fazer isso tinha como fiscalização a Codevasf, limpeza de barragens etc. Foi um trabalho importante um trabalho que não foi em vão onde tinha um retorno onde tinha barragens comunitárias que todo mundo usufruíam, então eles mesmos ganhavam o dinheiro, e faziam a limpeza das barragens pra ganhar o dinheiro e juntar água das trovoadas.

A frente de trabalho foi aplicada no município todo?

Era uma faixa etária entre dezoito e cinquenta e seis anos pegavam uma turma de encarregados de quarenta a cinquenta e oito, os cachimbos que tomavam conta das turmas fazia a chamada da turma e ver como o trabalho estava andando, o município teve em volta de vinte a quarenta e cinco turmas entre homens e mulheres, a função de cachimbo nas frentes das mulheres, era uma mulher que tomava conta, o trabalho era separado pelo sexo, masculino num canto e feminino em outro.

Apêndice D

Jose de Oliveira

Como o senhor lembra da frente de trabalho

Lembro que era uma fase fraca, aquele servicinho era pra se virando se intertendo, ganhando uma mincharia, era uns 27 contos, eu fazia na barragem ali era no inchadeco e cavar com uma picarete era uns cavando e outos ajuntando, e outos carregando, os ferramentos as carroças os inchadecos, picarete e pá vinha tudo, nessa fase a gente dividia o pouquinho de comida que tinha com os outos que não tinha e assim ia tapiando e levando a vida.

Na visão do senhor a frente deixou resultado para a comunidade?

Beneficiou, no tempo de Chico Filisdoro meus bois bebiam lá, já tinha uma passagem pro povo pegar água, nós pegava água lá, mas quando Chico vendeu o veio mandou fechar a passagem e ninguém pode pegar água mas lá.

Porque colocaram o apelido de morrinpé e magnu?

Eu lembro [risos] magnu e morrinpé [risos] magnu era porque o povo tava tão mago de fome, e a roupa era só uns bulambo, morrinpé porque o trabalho era esse o povo passava mais tempo parado cochilando no cabo da inchada de baxo do braço, o povo tava morrendo de fome ali inpé.

O senhor tinha conhecimento que estavam no período da ditadura militar?

Não sabia que era ditador, só sabia que era João Figueiredo, nesse tempo não tinha informação.

Apêndice E

Manoel Bezerra de França

Como o senhor lembra da frente de trabalho

Lembro que nois trabaiava numa barragem veia[risos] com unhas carroças, lembro muito bem que o governo deu as ferramentas, a situação era difícil tinha muitos que chegavam lá com a tripa roncando, de sonhi pra baxo o povo comeu tudo aconteceu muito, so não comia cobra que era mais pesado. A comida quando nos ia pra longe levava os que não tinha comia os restos quando sobrava dos outros. A derradeira vez que trabaimos foi na ponte dos Picos que deu uma trovoadá e as pá ficaram dentro a sorte e que tava formado pra chover e os cabas tiraram as carroças de dentro se não tinha dado mais trabaio, as carroças so tinha duas novas a minha e outra que foi pintada as outras era tudo bagunçada, depois tinha um tomador de conta e ninguem sabe pra onde foi, a gente parou de trabaiair quando choveu.pra se alistar eu era menor de idade ai Renato Rodrigues pegou meu documento e levou pra os cabas fazer o cadastro se eu fosse eles não ia fazer, ganhava quinze cruzeiro e trezentos centavos eu acho.

Na visão do senhor a frente deixou resultado para a comunidade?

A barrage ta na propriedade de Cirço Luiz, ele não deixa ninguém pegar água só no tempo de Chico Filisdoro.

O senhor tinha conhecimento que estavam no período da ditadura militar?

Não, só sabia que era Joao Figueiredo porque ouvia no rádio.